

Promoção da saúde em contextos educacionais: a atuação do psicólogo no cuidado a adolescentes e professores

Lucila Moraes Cardoso

Professora Associada do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

✉ lucila.cardoso@uece.br

Luciana Martins Quixadá

Professora Adjunta do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

✉ luciana.martins@uece.br

Fernanda da Fonseca Giasson

Mestre e doutoranda em Educação pelo do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

✉ fergiasson@gmail.com

Kaio Eduardo Silva Lima

Professor do Governo do Estado do Ceará (SEDUC-CE)

✉ kaioslima85@gmail.com

Resumo:

Investigou-se a prática profissional do psicólogo nos contextos educacionais, considerando a interseção entre educação e saúde na contemporaneidade. Foram analisados os impactos da sociedade capitalista neoliberal no trabalho dos professores e na educação dos adolescentes, priorizando a formação de indivíduos produtivos, em detrimento de aspectos ético-políticos e sociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em uma revisão da literatura sobre o tema. Foram analisadas publicações acadêmicas, incluindo artigos científicos e documentos institucionais, que abordam temas como educação e neoliberalismo, adolescência na escola contemporânea, saúde mental de estudantes e professores e a atuação da Psicologia no ambiente escolar. Foi realizada uma busca na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando os descritores "psicólogo escolar" e "psicologia educacional". Foram considerados artigos publicados no Brasil entre 2020 e 2024. Foram selecionados 20 artigos, organizados em quatro categorias, de acordo com a metodologia dos estudos: relatos de experiência, entrevistas com profissionais e estudantes de Psicologia, entrevistas com profissionais da área educacional e revisões de literatura. Entende-se que a atuação do psicólogo deve se afastar da perspectiva biomédica e neoliberal do cuidado em saúde. Em contrapartida, propõe-se um cuidado baseado na autonomia e criticidade dos indivíduos, em que alunos e professores participem ativamente do processo de reflexão sobre as relações de poder, do processo de aprendizagem e da promoção da saúde no ambiente escolar.

Palavras-chave: Adolescência, Bem-Estar do professor, Neoliberalismo, Psicólogo educacional.

Health promotion in educational contexts: the role of the psychologist in the care of adolescents and teachers

Abstract:

Investigated the professional practice of the psychologist in educational contexts, considering the intersection between education and health in contemporaneity. The impacts of neoliberal capitalist society on the work of teachers and the education of adolescents are analyzed, prioritizing the

formation of productive individuals, to the detriment of ethical-political and social aspects. It is a qualitative research, exploratory in nature, based on a review of the literature on the subject. Academic publications were analyzed, including scientific articles and institutional documents, which address topics such as education and neoliberalism, adolescence in contemporary school, mental health of students and teachers and the performance of Psychology in the school environment. The data collection was carried out through a search in the database of the Scientific Electronic Library Online (SciELO), using the descriptors "school psychologist" and "educational psychology". Articles published in Brazil between 2020 and 2024 were considered. After the application of the inclusion and exclusion criteria, 20 articles were selected, organized in four categories, according to the methodology of the studies: experience reports, interviews with professionals and psychology students, interviews with educational professionals and literature reviews. It is understood that the role of the psychologist should move away from the biomedical and neoliberal perspective of health care. In contrast, it is proposed a care based on the autonomy and criticality of individuals, in which students and teachers actively participate in the process of reflection on power relations, the learning process and health promotion in the school environment.

Keywords: Adolescence, Teacher Well-Being, Neoliberalism, Educational Psychologist.

Promoción de la salud en contextos educativos: la actuación del psicólogo en el cuidado a adolescentes y maestros

Resumen:

Fue investigado la práctica profesional del psicólogo en contextos educativos, considerando la intersección entre educación y salud en la contemporaneidad. Se analizan los impactos de la sociedad capitalista neoliberal en el trabajo de los profesores y en la educación de los adolescentes, priorizando la formación de individuos productivos, en detrimento de aspectos ético-políticos y sociales. Se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza exploratoria, basada en una revisión de la literatura sobre el tema. Se analizaron publicaciones académicas, incluyendo artículos científicos y documentos institucionales, que abordan temas como educación y neoliberalismo, adolescencia en la escuela contemporánea, salud mental de estudiantes y profesores y el desempeño de la psicología en el entorno escolar. Se realizó una búsqueda en la base de datos de la Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando los descriptores "psicólogo escolar" y "psicología educativa". Se consideraron artículos publicados en Brasil entre 2020 y 2024. Se seleccionaron 20 artículos, organizados en cuatro categorías, según la metodología de los estudios: relatos de experiencias, entrevistas con profesionales y estudiantes de entrevistas con profesionales del área educativa y revisiones de literatura. Se entiende que la actuación del psicólogo debe alejarse de la perspectiva biomédica y neoliberal del cuidado en salud. En cambio, se propone un cuidado basado en la autonomía y criticidad de los individuos, en el que alumnos y profesores participen activamente en el proceso de reflexión sobre las relaciones de poder, del proceso de aprendizaje y de la promoción de la salud en el entorno escolar.

Palabras clave: Adolescencia, Bienestar docente, Neoliberalismo, Psicólogo educativo.

INTRODUÇÃO

Educar para quê ou para quem? Essa vem sendo uma questão recorrente entre diversos pensadores (GRAMSCI, 2022; FREIRE; 2019a, ARENDT; 2016; ADORNO, 2011; MÉSZÁROS, 2008), especialmente, com o avanço do capitalismo e o surgimento de pensamentos e políticas neoliberais. A educação escolar, tradicionalmente, esteve vinculada

ao objetivo de formar e preparar crianças e adolescentes para sua inserção cidadã e profissional na vida comum, no espaço público. Ocorre que, apesar de todas as questões levantadas pelos pensadores citados, acerca das relações entre educação, economia, ética e política, nenhum deles previu que a escolarização fosse atravessada por processos tão desafiadores tais como os decorrentes das relações com os ambientes virtuais, por exemplo. Tal ambiente parece proporcionar uma dissolução de fronteiras entre verdade e ilusão, entre verdade e mentira, com implicações no desenvolvimento dos indivíduos e no campo da política, haja vista os riscos tanto para a vida pessoal quanto coletiva de falsas interpretações da realidade já anunciados há décadas por Arendt (1995). Essa reflexão se faz relevante, considerando que, com maior acesso às tecnologias e às redes sociais na contemporaneidade, os adolescentes se desenvolvem entre seus percursos no mundo virtual e na realidade da escola.

Isso posto, consideramos que os impactos dessa relação marcada, muitas vezes, pela dissolução das fronteiras entre um espaço e outro se manifestam em sintomas que, não raramente, se manifestam nas situações escolares (LIMA e ROVAI, 2022). A escola foi criada como espaço para a formação de sujeitos capazes de se adaptarem a uma realidade já posta (FOUCAULT, 2020), ainda que também capazes de reinventar essa realidade com suas ações no mundo, principalmente, a partir das relações desenvolvidas nas vivências escolares, uma vez que a escola é um espaço social importante para os processos de aprendizagem e desenvolvimento (VIGOTSKI, 2007).

Para Gramsci (2022) a educação deveria culminar no desenvolvimento de intelectuais orgânicos ou, como nos disse Freire (2019a), a educação deveria ser libertadora. O que vemos, entretanto, é uma educação escolar voltada para preparar sujeitos consumidores (BAUMAN, 2022), acompanhada dos apelos das redes sociais e cada vez mais distantes das exigências ético-políticas para conviver com os outros e com a natureza, mas sem os quais não há sobrevivência possível. Então, qual o sentido dessa educação? O sentido vem se mostrando neoliberal, mercadológico e desumanizado. Trata-se de manter uma hegemonia cultural (GRAMSCI, 2022) e econômica que aprofunda as desigualdades históricas em um país como o Brasil (FERNANDES, 2008). Trata-se da manutenção de privilégios para um pequeno grupo de “adaptados” às custas da exclusão e da negação à vida de outros tantos. “A educação não pode mais compactuar com isso, com práticas culturais homogeneizadoras e, ao mesmo tempo,

como instrumento de uma rede simbólica e real de exclusão material e subjetiva” (QUIXADÁ, 2019, p.35). Há um modelo de sociedade, cada vez mais, voltado à formação de indivíduos produtivos, competitivos e voltados exacerbadamente para a satisfação imediata de seus anseios, desconsiderando o bem-estar coletivo.

Isso afeta de forma significativa especialmente crianças e jovens, na medida em que são sujeitos em processo de constituição física, psíquica e emocional, sofrendo profundamente as consequências da falaciosa promessa de abundância para todos recorrente na sociedade de consumo, uma vez que essa promessa se confronta com a exclusão das camadas sociais que se deparam com uma escassez rotineira. Diante disso, pode se dizer que há uma crise ética e não apenas econômica (QUIXADÁ, 2019, p. 22).

Surgem, então, questões importantes: quais mediações são possíveis na educação escolar para que o adolescente saiba lidar com tais fronteiras preservando sua saúde física e mental? Como pensar um modelo educacional revolucionário face a uma realidade que oprime, violenta e explora a força de trabalho? As promessas de assujeitamento (FOUCAULT, 2016) e sucesso serão cumpridas para todos? Quais os desafios enfrentados pelos docentes nesse cenário? O psicólogo na escola também é afetado pela dinâmica neoliberal? Como fazer resistência a essa dinâmica na sua atuação? É preciso buscar respostas para essas questões, pensando na produção de novos sentidos para as práticas escolares, os quais se relacionem com um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes que produzem e produzirão afetações (QUIXADÁ, 2022) no mundo.

Nessa perspectiva, podemos pensar que um caminho alternativo para uma educação que faça frente às exigências neoliberais seja o da participação efetiva, com efeitos de poder, por crianças e adolescentes no espaço e nas situações escolares. Participação essa que aproximaria as práticas e conteúdos pedagógicos dos desafios e vivências desses indivíduos em suas realidades/virtualidades cotidianas.

O sentido da participação é o de se sentir envolvido e disposto a contribuir na vida da comunidade. No caso de crianças e jovens, é entendendo a cidadania como participação que se torna possível o exercício dessa por parte desses sujeitos, considerando-os meaning-givers na sociedade, acabando assim por intervir nessa. (CASTRO e MONTEIRO, 2008, p. 283).

O envolvimento e participação de crianças e adolescentes no seu processo educacional leva à produção de conhecimentos em uma perspectiva relacional e, desse modo, viabiliza a produção de novos sentidos sobre a educação. A ideia de participação como necessária no

cenário da escola deve ser extensiva aos professores, os quais também são afetados pelas situações que emergem no cotidiano escolar. O cuidado na atuação do psicólogo advém como resultado da prática de uma escuta, que legitima a participação dos indivíduos envolvidos no que lhes diz respeito. Ressaltamos que é com a participação dessas pessoas no que lhes afeta que podem surgir novas possibilidades de pensar e fazer o mundo (GLISSANT, 2020; ARENDT, 2016; TOURAINE, 2009).

O objetivo principal desse texto é, portanto, levantar reflexões sobre a atuação do psicólogo e a promoção da saúde de adolescentes e professores na escola contemporânea. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em uma revisão da literatura sobre o tema, com reflexões críticas baseadas em autores como Freire (2019a) e Foucault (2016). Desse modo, propomos inicialmente uma reflexão sobre como os adolescentes e docentes vivenciam a situação escolar para, em seguida, refletir sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar como profissional participante do contexto educacional e que pode atuar diretamente na relação entre cuidados em saúde nesse contexto.

ADOLESCÊNCIA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

É necessário, primeiramente, compreender quem é esse adolescente, inserido em um contexto complexo de influências, e como ele é percebido no cotidiano escolar. Essa escola é atravessada e transformada pelo neoliberalismo, marcada por uma luta constante entre gestores públicos que priorizam uma educação voltada para o tecnicismo e o cumprimento de metas educacionais, professores que, dentro de suas possibilidades, resistem e buscam oferecer uma formação crítica, e alunos, frequentemente vistos como sujeitos passivos, que não têm vez nem voz nos processos educacionais.

Nesse contexto, há diferentes compreensões e delimitações da adolescência. A adolescência vai além das definições etárias e fisiológicas, sendo caracterizada por mudanças biopsicossociais, incluindo transformações corporais decorrentes da puberdade, bem como alterações ligadas à inserção social, profissional e econômica na vida adulta (FORMIGLI,

COSTA e PORTO, 2000). Logo, não podemos compreender a adolescência como uma expressão única de marcadores biológicos e sim como um fenômeno social que se manifesta de diferentes formas, proporcionando às pessoas experiências múltiplas sobre esse período da vida.

Vivenciar a adolescência no século XXI é muito diferente de como era no século XX. Da mesma forma, crescer numa capital do Nordeste brasileiro não se assemelha à experiência de jovens da região Sul do Brasil, de municípios do interior ou, até mesmo, de indivíduos que residem no mesmo bairro. As vivências podem variar significativamente devido a fatores como estrutura familiar, influências religiosas, orientação sexual, classe social, raça dentre outros. Nesse sentido Grillo, Raymundo e Martins (2023) afirmam que o conceito de adolescência é amplo e reflete as particularidades presentes em diversas regiões do país, tanto em áreas rurais quanto urbanas, além de considerar as diferenças relacionadas a gênero, raça, etnia e classe social. Logo, compreendemos a adolescência como um termo para ser utilizado no plural (adolescências) pela compreensão da complexidade desse fenômeno e pelas variações de acordo com o período histórico e a cultura (LOURENÇO, NAVASCONI e JUCÁ, 2023).

Diante da multiplicidade que as adolescências carregam em si, a escola se apresenta como um importante papel no desenvolvimento desses jovens, não apenas como espaço de aprendizagem acadêmica, mas também como um ambiente estruturante para a construção da identidade e do senso de pertencimento. Estudos apontam que a experiência escolar influencia diretamente a formação da autoestima, as habilidades socioemocionais e as trajetórias futuras dos adolescentes (ECCLES e ROESER, 2011; LERNER *et al.*, 2019).

A escola, no entanto, enfrenta diversos desafios para lidar com a complexidade que as adolescências do século XXI carregam consigo. Há escolas que ainda não conseguiram, de forma satisfatória, compreender que seu papel vai além da transmissão de conceitos e da preparação do aluno para o trabalho, que sua função não pode se limitar a uma educação bancária, conforme Freire (2019a). Bronfenbrenner (2005) afirma que a escola deve adotar uma abordagem desenvolvimental e ecológica, levando em consideração a multidimensionalidade do ser humano em seus aspectos físico, psicológico e social. Dessa forma, deve incluir aspectos relacionados à saúde do estudante e à promoção do bem-estar.

Na adolescência, a saúde assume um papel fundamental, pois essa fase é caracterizada por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais, que demandam um suporte adequado para garantir um desenvolvimento pleno. Dessa maneira, a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes depende de uma maior articulação entre os campos da educação e da saúde. Casemiro, Fonseca e Secco (2014) reforçam essa perspectiva ao destacarem que essas áreas estão interconectadas, pois um alto nível educacional favorece a construção de uma sociedade mais saudável, enquanto uma população com boas condições de saúde apresenta maior capacidade de absorver tanto o ensino formal quanto o informal.

Um dos principais desafios das escolas em relação à saúde dos adolescentes está associado ao bem-estar emocional no ambiente educacional. Nesse contexto, a OMS (2022) publicou o Relatório Mundial de Saúde Mental: Transformando a Saúde Mental para Todos, apresentando um panorama global sobre o tema e destacando a necessidade de mudanças significativas para aprimorar o cuidado e a promoção do equilíbrio psicológico em nível mundial. Quando se trata do público adolescente, a saúde mental é um tema de grande importância, um estudo realizado nos Estados Unidos apontou que quase metade dos casos de transtornos mentais tiveram início por volta dos 14 anos (KESSLER *et al.*, 2005). Além disso, estima-se que aproximadamente uma em cada sete pessoas entre 10 e 19 anos enfrente algum tipo de transtorno mental (OMS, 2022).

Um dado preocupante é que o suicídio ocupa a quarta posição entre as principais causas de morte de jovens com idades entre 15 e 29 anos. Além disso, há uma elevada incidência de tentativas de suicídio na adolescência, e entre os transtornos mentais mais recorrentes nesse público, destacam-se a depressão e a ansiedade, que afetam milhões de jovens globalmente. Outro aspecto que requer atenção é a autolesão não suicida, muitas vezes utilizada como estratégia para lidar com dificuldades emocionais (OMS, 2022). Esse comportamento pode ser intensificado por fatores de risco típicos da adolescência, como bullying, violência, pressão acadêmica e conflitos familiares. Questões como instabilidade financeira, ambientes familiares violentos e ausência de suporte social também agravam a saúde mental dos jovens. Além disso, o uso excessivo da internet e das redes sociais, apesar de apresentar alguns benefícios, também é frequentemente associado a impactos negativos no bem-estar psicológico (OMS, 2022).

Os aspectos socioeconômicos, também afetam diretamente a saúde dos adolescentes brasileiros, onde cerca de 2,7 milhões de adolescentes e jovens vivem em situação de baixa renda. Dentre eles, 6,6% apresentam desnutrição, o que corresponde a aproximadamente 181.098 adolescentes. Esse cenário os torna mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos de saúde mental (FIGUEIREDO, FEFFERMANN, 2023).

No que se refere à violência letal, dados do Atlas da Violência 2024 revelam que, em 2022, no Brasil, 34% dos óbitos entre jovens de 15 a 29 anos ocorreram em consequência de homicídios. Do total de 46.409 assassinatos registrados no país, 49,2% tiveram como vítimas pessoas dessa faixa etária, resultando em 22.864 mortes. Isso equivale a uma média de 62 jovens assassinados por dia. Ao analisar a série histórica dos últimos 11 anos (2012-2022), o número de jovens que perderam a vida devido à violência letal no Brasil chegou a 321.466 (CERQUEIRA e BUENO, 2024).

Diante desse cenário, uma escola alinhada com os valores capitalistas neoliberais que, de acordo com Freitas, Libâneo e Silva (2018) priorizam as avaliações externas como mecanismo de regulação do sistema escolar provocando a banalização do ensino-aprendizagem, a métodos pedagógicos tradicionais, como aulas centradas exclusivamente na transmissão de conteúdos, sem a participação ativa dos estudantes, enfatizando a memorização, o controle disciplinar baseado em recompensas e a preparação para exames. Nesse cenário, as escolas que adotam uma abordagem voltada para resultados acabam negligenciando princípios pedagógicos que reconhecem a importância do trabalho docente, o protagonismo do aluno no próprio aprendizado e o papel transformador da educação na construção da autonomia e da formação da personalidade.

A DOCÊNCIA, O NEOLIBERALISMO E O SOFRIMENTO PSÍQUICO

A preocupação com a saúde mental no contexto educacional, entretanto, não se relaciona única e exclusivamente com os alunos adolescentes. Há também que se preocupar com a saúde mental dos professores. Diehl e Marin (2016) já alertavam que os efeitos das reformas educacionais, as implementações de novos modelos pedagógicos e o despreparo dos

profissionais eram preditores de níveis altos do sofrimento psíquico em professores. A precariedade do ambiente físico, as formas de organização do trabalho, a falta de reconhecimento e os problemas comportamentais e emocionais dos alunos também são fatores que possivelmente agravam tal sofrimento.

Moura *et al.* (2019) destacaram que é indispensável que o docente receba condições de trabalho favoráveis para desenvolver seu trabalho, isto é, que tenha acesso ao conjunto de recursos que viabilize a realização de suas atividades, como materiais, infraestrutura e apoio de pares. A deficiência dessas condições torna inviável o desenvolvimento de um ensino de qualidade. Todavia, nota-se que a precarização das condições de trabalho vem sendo ocasionada e intensificada pela dinâmica social neoliberal, que afeta diretamente a saúde dos professores. O trabalho dos professores está cada vez mais intenso e extenso, porém, as melhorias necessárias e a valorização de sua carreira não acompanham o mesmo ritmo de crescimento.

Bechi, Fávero e Almeida (2023) explicam que os professores são um dos principais alvos das reformas educacionais realizadas pelos órgãos de financiamento internacionais, como a Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional, ambos precursores do projeto neoliberal no mundo. Tais mudanças têm por objetivo tornar o trabalho docente, e a educação como um todo, alinhados com os interesses do capitalismo. Desse modo, a qualidade da educação poderia ser medida pelas características de produtividade e competitividade, além da flexibilidade subjetiva para adaptar-se às condições de mercado, cada vez mais desfavoráveis aos trabalhadores.

As políticas de cunho mercantilista e economicista produzem novas performances ao trabalhador docente, que deverá ser um aliado da produção de sujeitos sociais que atendam às demandas desse novo mercado. Sendo assim, somente um professor responsável, disciplinado, controlado pela lógica neoliberal e pautado no espírito do Toyotismo teria o poder de contribuir realmente para a melhoria na educação. As reformas neoliberais modificaram os atributos do ser docente, sugerindo a internalização e subjetivação dos moldes empresariais a partir de diversos mecanismos, como a responsabilização individual, a prestação de contas contínua, concorrência exacerbada, a insegurança de ser avaliado, a instabilidade e o medo do desligamento, culminando em uma tentativa exaustiva de performar o máximo possível (BECHI, FÁVERO e ALMEIDA, 2023).

O foco nas competências socioemocionais a serem desenvolvidas com os alunos, de acordo com a reforma do Novo Ensino Médio (NEM), instituído em 2017 pela Lei 13.415, é um exemplo de como esse processo acontece. A proposta é de ajudar os jovens a desenvolverem melhor suas habilidades socioemocionais e sua inteligência emocional, partindo do pressuposto que aqueles que melhor gerirem suas emoções e seus sentimentos estão mais alinhados às necessidades do mercado e terão mais sucesso na vida profissional e pessoal. Cabe, então, aos professores elevar a qualidade das competências socioemocionais de seus alunos.

Conforme salienta Silva (2023), as competências socioemocionais fomentam a formação de subjetividades que sejam adaptativas, flexíveis, proativas e resilientes. Os indivíduos devem ser maleáveis ao sistema comercial que não prioriza os direitos trabalhistas e que responsabiliza cada pessoa pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso. Sendo assim, os alunos sairão da escola não como seres humanos integralmente formados, mas, sujeitos às desigualdades que aprenderam a ignorar.

O professor fica refém desse mesmo cenário do qual faz parte e é exigido à ação. Os docentes são responsabilizados pelo sucesso e pelo fracasso escolar dos alunos, da escola e do sistema escolar. Há uma angústia associada à sensação de não conseguir desempenhar de forma satisfatória suas atividades, além da percepção de que seus esforços não terão força suficiente para mudar o sistema (CAMPOS e VIEGAS, 2022).

O cenário contemporâneo exige que o docente assuma outras funções, como de assistente social, psicólogo, psicopedagogo e até de enfermeiro, já que raramente há, na escola, uma equipe especializada. Para além disso, os professores também vivem a sobrecarga decorrente da incorporação de avaliações internas e externas diversas, que tornam ainda mais exigente sua atuação, sem que haja uma recompensa salarial adequada. Essa carga excessiva de trabalho é apenas mais um dos desdobramentos da cultura econômica atual. De todo modo, apesar de tudo, o professor ainda precisa mostrar eficiência e bons resultados em tudo que realiza (MOURA *et al.*, 2019).

Segundo Teixeira, Arossi e Santos (2021), muitos professores precisam ser afastados do trabalho devido ao adoecimento ocupacional. Dentre os fatores que comumente desencadeiam o sofrimento docente, está a violência nas escolas, inadequações no ambiente

de trabalho, carga de trabalho excessiva, número insuficiente de professores, pouco apoio da gestão escolar, tensões emocionais, dificuldades nas relações interpessoais, autonomia limitada, desempenho de funções extras e formação ineficaz para o contexto.

Determinar as causas que desencadeiam o adoecimento psíquico docente é uma tarefa complexa, tendo em vista que esse sofrimento possui etiologia multicausal. Todavia, de acordo com Campos e Viegas (2022), pode-se afirmar que as condições e as formas de organização do trabalho, como a desvalorização, a sobrecarga e a alta demanda cognitiva, colocam em risco a saúde dos professores. Síndrome de Burnout, ansiedade, depressão, problemas osteomusculares e doenças respiratórias, entre outras doenças são comumente desenvolvidas pela tentativa de atender às demandas do trabalho como docente. Ademais, a vida social e a vida afetiva desses professores adoecidos também são afetadas.

O número expressivo de licenças trabalhistas descortina o quadro de adoecimento mental significativo. Para Mattos, Maioli e Dos-Santos (2024), o docente está sempre buscando adaptar-se às imposições do sistema educacional. Para sobreviver nesse contexto, os professores lançam mão de estratégias escapistas, como licenças de saúde, negação da realidade para não refletir profundamente sobre o contexto, tentando limitar o tempo dedicado ao trabalho e a busca por envolver-se menos possível emocionalmente, no intuito de minimizar o sofrimento experimentado. Esses mecanismos possibilitam aos professores seguir trabalhando, apesar de todas as dificuldades do ambiente e de sua própria saúde.

É imprescindível compreender o fenômeno do adoecimento docente como uma questão social, coletiva. A individualização desse sofrimento e o isolamento dos casos seria mais um processo permeado pelo neoliberalismo, que atribui ao indivíduo a carga do seu sucesso ou do seu fracasso, como se seu desempenho e habilidades fossem as únicas variáveis responsáveis por como ele vive, trabalha e adocece. De acordo com Moura *et al.* (2019), as doenças desses profissionais evidenciam a negligência e o descaso com a saúde mental dos docentes. Nesse sentido, é como se a própria sociedade e o ambiente escolar não conseguissem compreender a gravidade dos prejuízos causados aos professores diante da complexidade de seu trabalho.

FAZER PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NOS CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO

A partir da contextualização da escola contemporânea e do modo como a escolarização é influenciada por fatores culturais, políticos, sociais, pedagógicos, institucionais, relacionais e econômicos, que afetam a vida escolar, as relações e práticas pedagógicas (SOUZA, LEINER e THOMAZ, 2024), reforçamos que para a escola desempenhar adequadamente a sua função, é necessária a participação de diversas áreas do conhecimento, inclusive a Psicologia, tal como já apontado por Leite (2022). Conforme afirmam Souza, Leirner e Thomaz (2024), os princípios para atuação do psicólogo no campo da educação é condição fundamental para a melhoria da qualidade das relações escolares, favorecendo a implantação de programas que envolvam o enfrentamento a discriminação étnico-raciais, de gênero, religiosa ou de classe social, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

A promulgação da Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica corrobora essa perspectiva. Considerando a importância de compreender o papel do psicólogo na escola, foi feita uma revisão da literatura das publicações pós promulgação da Lei na base de dados da biblioteca digital *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com os termos “psicólogo escolar” e “psicólogo educacional”, filtrando por coleção Brasil e anos entre 2020 e 2024. Obteve-se 30 artigos, destes 22 (73,3%) na Revista *Psicologia Escolar e Educacional* (Qualis A2), que despontou como principal meio de divulgação da área e quatro (13,3%) na *Psicologia: Ciência e Profissão* (Qualis A2). As revistas *Educação e Realidade* (Qualis A2), *Estudos de Psicologia* (Campinas) (Qualis A1), *Psicologia em Estudo* (Qualis A1) e *Psicologia USP* (Qualis A2) também apareceram na busca, cada uma com 1 artigo. A maioria dos artigos foram publicados em 2024 (n=10).

Dos 30 artigos, dez foram desconsiderados. Dois por apresentarem contexto de outros países, um por abordar sobre as licenciaturas no curso de Psicologia sem ter relação com a atuação do psicólogo no contexto educacional, um por ser pesquisa com egressos de Psicologia sem relação explícita com o contexto educacional, um pela especificidade de ter analisado os currículos acadêmicos de instituições de ensino para Educação especial, fugindo do escopo mais amplo deste artigo, dois por serem revisões de literatura não direcionada à

atuação do psicólogo escolar e três eram teóricos. Assim, foram considerados 20 artigos. Dos quais, sete eram relatos de experiência (três na região Nordeste, dois no Centro-Oeste, um no Norte e um no Sudeste), nove eram entrevistas (cinco com psicólogos ou graduandos do curso de Psicologia e quatro com professores ou gestores da rede de ensino) e quatro eram revisões de literatura.

A partir da *síntese dos estudos decorrentes dos relatos de experiência*, notou-se diversidade de práticas dos profissionais de Psicologia Escolar e Educacional, envolvendo mapeamento institucional e um serviço de Plantão Institucional, que ajudaram a promover a inclusão e permanência escolar dos estudantes (PESSIN, 2023), a capacitação de professores, tutores eicineiros da escola para temas específicos (LEITE, ALBERTO e SANTOS, 2021), oficinas visando a escuta de adolescentes (SANTOS, PULINO e RIBEIRO 2021) e explorar a produção poética como recurso de intervenção em psicologia (RODRIGUES e ROCHA, 2024). Além disso, houve o relato de práticas formativas conduzidas por estudantes de Psicologia envolvendo as particularidades do ensino remoto no período de pandemia devido à Covid-19 (FIAES et al, 2021) e explorar a temática do bullying com professores de escolas de Ensino Fundamental (MEZZALIRA, FERNANDES e SANTOS, 2021). Por fim, houve relato de uma experiência que amplia o escopo dos Ensinos Fundamental e Médio, sustentando-se na Educação Permanente em Saúde numa Escola Municipal de Saúde Pública (EMSP) (SOUZA, 2020).

Por meio da *Síntese dos estudos decorrentes de entrevista com profissionais e estudantes de Psicologia* da área Escolar e Educacional, observou-se que há psicólogos atuando tanto nas perspectivas tradicionais quanto emergentes. Miranda-Galvão e Fleith (2024b) investigaram as práticas dos psicólogos no atendimento destinado a estudantes com altas habilidades/superdotação num equipamento público na região Centro-Oeste do Brasil e identificaram que o trabalho volta-se para alunos, familiares e professores, destacando-se cinco categorias de serviço: avaliação psicológica do aluno; práticas de acolhimento, suporte e orientação; intervenções breves; planejamento, desenvolvimento e acompanhamento das atividades; e divulgação do atendimento ao superdotado. Fonseca e Negreiros (2021), ao analisar as práticas de 10 psicólogas escolares nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPIs), também evidenciaram práticas que abrangeram ações individuais e coletivas com diversos atores sociais da instituição e em diferentes níveis educacionais,

sugerindo formas de atuação tradicionais e emergentes. As pesquisadoras notaram um movimento de mudança de uma perspectiva clínica para uma institucional em Psicologia Escolar, considerando os segmentos educacionais e a relação com o contexto político, econômico e cultural.

De modo semelhante, Silva e Souza (2023) identificaram 22 profissionais da psicologia atuando em instituições educacionais em Boa Vista (RR) em 2018. A maioria atuava na educação básica, sendo poucos contratados como psicólogos escolares e apenas metade ingressou no cargo por concurso público. Após analisar o relato das 10 profissionais com mais tempo no cargo, verificou-se que 60% atuavam na modalidade clínica e 40% na modalidade clínica e institucional. Os principais desafios identificados incluíam melhoria das condições de trabalho, estabelecimento de relações hierárquicas, compreensão das especificidades do campo, necessidade de formação continuada e atuação institucional do psicólogo escolar. Os outros dois estudos decorrentes de entrevista com profissionais, perpassam aspectos relacionados à formação profissional, sendo uma entrevista realizada em 2001 com Maria Helena Souza Patto (VIOTTO FILHO, SALOMÃO e VIÉGAS, 2024) e outro sobre as percepções e expectativas de graduandos de psicologia sobre a atuação de psicólogos na educação (SANTOS *et al.*, 2020).

O conjunto dos estudos decorrentes de entrevista com profissionais da área educacional mostraram formações discursivas antagônicas nas expectativas de professoras do Ensino Fundamental sobre as possibilidades de trabalho do psicólogo escolar. Uma voltada à “detecção e encaminhamento”, aproximando-se de um modelo médico classificatório, e outra consonante com uma perspectiva de prática preventiva e relacional, apontando a demanda de formas de resistência às condições precárias de trabalho das professoras (PEREIRA, 2024; MIRANDA-GALVÃO e FLEITH, 2024a; OLIVEIRA, LEITE e COELHO, 2024). Essa dualidade de posicionamentos corrobora os apontamentos feitos por Leite (2022) e Veronese e Machado (2022). Nota-se também que tem ocorrido uma expansão dos campos de atuação do Psicólogo com valorização de atuação para além dos Ensinos Fundamental e Médio, valorizando-se a atuação deste profissional para demandas referentes a questões acadêmicas e emocionais de estudantes e professores de Instituições de Ensino Superior (IES) (PEREIRA e SILVA, 2023).

Dentre os **estudos recentes decorrentes de revisões de literatura**, dois abordaram sobre a formação, expondo a existência de duas abordagens principais sobre as concepções teórico-metodológicas da psicologia escolar/educacional. Uma voltada para práticas tradicionais fundamentadas na psicologia clínica e outra em que se propõe estratégias coletivas de intervenções institucionais nos processos de aprendizagem como alternativa à Psicologia Escolar tradicional (SOUZA FILHO *et al.*, 2023; SOUZA, LEIRNER e THOMAZ, 2024). Num terceiro estudo foi examinada a relação entre as “Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica” publicada pelo Conselho Federal de Psicologia com as práticas sobre Psicologia Escolar publicadas em revistas científicas entre 2009 e 2019, concluindo que há práticas importantes no contexto educacional que podem ser referência para intervenções e que se alinham com as Referências Técnicas (VIEIRA; CALDAS, 2022).

Na quarta revisão de literatura obtida na busca, Tessaro, Trevisol e D`Auria-Tardeli (2023) objetivaram analisar as expectativas atribuídas à atuação do psicólogo na escola e à efetiva prática desse profissional nesse contexto. Foram selecionados 25 trabalhos dos quais 12 resultaram de revisão bibliográfica e 13 de relatos de práticas profissionais e que foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Verificou-se a expectativa para que o psicólogo atue de forma preventiva em relação ao coletivo da escola; conheça o contexto educacional e as normas institucionais, as variáveis que interferem no processo de ensinar e aprender; embase sua prática em teorias psicológicas e mantenha interlocução com outras áreas de conhecimento. Os poucos trabalhos identificados que relatam as práticas do psicólogo na escola revelam que poucos profissionais se sentem autorizados a documentar e compartilhar suas experiências, descrevendo o que fazem, por que fazem e como fazem. Reduzir a distância entre a expectativa e a prática do psicólogo escolar requer o reconhecimento de variáveis intra-escolares e extra-escolares, além da persistência em investigar e compreender a influência dessas variáveis no clima escolar, nas relações interpessoais e nos diversos problemas que surgem nesse contexto.

A partir do levantamento feito, nota-se que a presença do psicólogo mais fortemente voltada para o aluno (PESSIN, 2023; SANTOS, PULINO e RIBEIRO, 2021; RODRIGUES e ROCHA, 2024, FIAES *et al.*, 2021) ou para a capacitação do professor para temas específicos, cujo objetivo final também seria o cuidado com os alunos (LEITE, ALBERTO e SANTOS, 2021 e MEZZALIRA, FERNANDES e SANTOS, 2021) e pouco se estuda sobre atividades preventivas ou

de suporte aos professores, ainda que seja apontada demanda para tal (PEREIRA, 2024 e PEREIRA e SILVA, 2023). Essa escassez de propostas voltadas para o professor, tem como consequência um número cada vez maior de professores que fazem uma autoavaliação de saúde negativa em função das condições que eles encontram para trabalhar nas escolas da Educação Básica no Brasil (MORAIS, ABREU e ASSUNÇÃO, 2023).

Na perspectiva neoliberal, o professor adoecido é responsabilizado por buscar tratamentos para suas dores físicas e mentais decorrentes do trabalho. Adoecido nem sempre encontra o suporte no contexto de trabalho, entrando num ciclo de adoecimento difícil de ser reparado. Esse se torna uma demanda de saúde pública, que continua a ser negligenciada. Quem seria o agente responsável por promover saúde aos trabalhadores da escola?

Esse contexto, se não devidamente planejado, pode fazer com que o psicólogo inserido no contexto educacional também se torne refém da dinâmica neoliberal, havendo elevada demanda de trabalho, que leva a uma sobrecarga, condições precárias de trabalho sem ter um espaço e recursos adequados para condução de seu trabalho. Gera-se, deste modo, uma dificuldade de entender e de ser entendido em suas atribuições com o risco de tornar-se refém da mesma lógica que gera o sofrimento dos professores e dos adolescentes. Resgatamos aqui um questionamento feito por Veronese e Machado (2022) “Como atuar a partir dos saberes *psi* sem perpetuar uma lógica instituída no cotidiano?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas reflexões, propomos que a atuação do psicólogo busque um distanciamento do cuidado pautado na perspectiva biomédica, fortemente atrelado ao neoliberalismo, que se manifesta por meio do domínio do conhecimento pelo profissional da saúde, estabelecendo uma relação vertical de poder sobre a pessoa que é objeto do cuidado. Isso porque, nessa abordagem, o cuidado é voltado para o mercado, caracterizando-se por uma relação fria e hierárquica, na qual o profissional exerce poder sobre os aspectos de saúde da pessoa cuidada. Essa, por sua vez, assume um papel passivo de paciente, sem refletir sobre suas próprias questões de saúde e os fatores que levam ao adoecimento, concentrando-se apenas no tratamento dos sintomas.

Teóricos como Foucault (2014), com o conceito de "cuidado de si", e Freire (2019b), com a proposta de um "cuidado emancipatório" oferecem referenciais teóricos importantes para que se possa assegurar um fazer profissional na perspectiva de cuidado que promova a autonomia e a criticidade do sujeito assistido. Nesse sentido, o conceito de cuidado de si, desenvolvido por Foucault (2014), destaca a importância de uma prática ética e reflexiva voltada para o autoconhecimento, a transformação pessoal e a liberdade individual. Trata-se de um processo pelo qual o sujeito se compromete com sua própria formação moral e intelectual, exercitando a autonomia frente às normas e aos poderes estabelecidos. Complementarmente, o cuidado emancipatório, baseado nos estudos de Freire (2019b), propõe uma abordagem que tem como intuito à libertação dos sujeitos por meio da conscientização crítica. Essa prática se concretiza por meio do diálogo e da escuta ativa, valorizando os saberes dos envolvidos e incentivando sua participação ativa na construção do processo de cuidado, com o objetivo de superar as opressões sociais.

Assim, a prática profissional do psicólogo para construção de uma escola democrática (Leite, 2022) proporciona aos alunos e professores a participação ativa no processo de cuidar e permite a reflexão crítica sobre as relações de poder existentes nesse processo, sendo, assim, uma ferramenta contra hegemônica no contexto do cuidado.

Ressaltamos ainda que uma educação que não leva em consideração toda a complexidades das adolescências apresenta uma profunda desconexão com o aluno. E o distanciamento de um ideal educacional preconizado por Freire (2019a) de uma educação libertadora que proporciona elementos para que os estudantes desenvolvam um pensamento crítico, capaz de modificar as relações hierárquicas, permitindo que os alunos deixem de ser meros espectadores no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra: 2011.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. **Verdade e política**. Lisboa: Relógio d'Água, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2022.

BECHI, Diego; FÁVERO, Altair Alberto; DE ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto. Racionalidade neoliberal e trabalho docente: interferência da cultura performativa nas condições de trabalho de professores e professoras. **Retratos da Escola**, v. 17, n. 38, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v17i38.1518>. Acesso em: 8 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm. Acesso em: 27 mar. 2025

BRASIL. Lei 13.415. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRONFENBRENNER, Urie. **Making human beings human: bioecological perspectives on human development**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

CAMPOS, Marlon Freitas de; VIEGAS, Moacir Fernando. Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico. **Trabalho e Educação**, v. 31, n. 1, p. 103-119, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2238-037X.2022.38580>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CASEMIRO, Juliana Pereira; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da; SECCO, Fabio Vellozo Martins. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência e saúde coletiva**, v. 19, p. 829-840, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.00442013>. Acesso em: 03 mar. 2025.

CASTRO, Lucia Rabello de.; MONTEIRO, Renata Alves de Paula. A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. **Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 271-284, jul./dez. 2008.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 07 mar. 2025.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v.7, n.2, p.64-85, dez. 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2236-64072016000200005escript=sci_abstract. Acesso em 08 mar 2025.

ECCLES, Jacquelynne Sue Eccles; ROESER, Robert W. Schools as developmental contexts during adolescence. **Journal of Research on Adolescence**, v. 21, p. 225-241, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00725.x>. Acesso em: 04 mar. 2025.

FERNANDES, Florestan. **Sociedades de classes e subdesenvolvimento**. São Paulo: Global, 2008.

FIAES, Carla Silva et al. Psicologia escolar na pandemia por covid-19: explorando possibilidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e247675, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021247675>. Acesso em: 13 março de 2025.

FIGUEIREDO, Regina; FEFFERMANNI, Marisa. Adolescência e Juventude no Brasil: quando as contradições sociais se explicitam. In: FIGUEIREDO, R.; CAYRES, A. Z. de F.; CILIBERTI, M. E. **Adolescência e juventude e saúde mental**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2023. p. 430-430. Disponível em: https://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/pdfs/temas33adolescenciaejuventudeesaudeamental_digital.pdf#page=30.99. Acesso em: 5 mar.. 2025.

FONSECA, Thaisa da Silva; NEGREIROS, Fauston. Psicologia escolar e educação profissional e tecnológica nos IFPIs: demandas, práticas e indícios de criticidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e223371, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021223371>. Acesso em: 13 março de 2025.

FORMIGLI, Vera Lúcia Almeida; COSTA, Maria Conceição Oliveira; PORTO, Lauro Antonio. Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 3, p. 831-841, 2000. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/v16n3/2968.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREITAS, Raquel A. Marra da Madeira, LIBÂNEO, José Carlos, SILVA, Eliane. **Políticas educacionais baseadas em resultados e seu impacto na qualidade do ensino**: a visão de professores e gestores sobre a reforma educacional no estado de Goiás. In: LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira (Orgs.). Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar. 1. ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018. 364 p.

GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 2020.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere (Vol.2)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2022.

GRILLO, Cristiane de Freitas Cunha; RAYMUNDO, Carmen Maria; MARTINS, Luiza Buzgaib. **Adolescências e juventudes na contemporaneidade**: diferentes perspectivas, diversidades, aspectos étnicos e culturais. Campo Grande, MS: Fiocruz Pantanal, 2023. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/29373/1/M%C3%93DULO-1.pdf> . Acesso em: 04 mar. 2025.

KESSLER, Ronald C.; BERGLUND, Patricia; DEMLER, Olga; JIN, Robert; MERIKANGAS, Kathleen R; WALTERS, Ellen E. Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication. **Archives of General Psychiatry**, v. 62, n. 6, p. 593-602, jun. 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15939837/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

LEITE, Fernanda; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira; SANTOS, Denise Pereira dos. Atuação em Psicologia Escolar: intervenções com profissionais sobre educação sexual. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e231489, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021231489> . Acesso em: 13 março de 2025.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e267189, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022267189> . Acesso em: 13 março de 2025.

LERNER, Richard M. et al. Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth-grade adolescents: findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. **The Journal of Early Adolescence**, v. 25, n. 1, p. 17-71, fev. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0272431604272461> . Acesso em: 06 mar. 2025.

LIMA, Alcimar Alves de Souza; ROVAI, Esméria. **Escola, espaço de subjetivação**: de Freud a Morin. São Paulo: Blucher, 2022.

LOURENÇO, Estela Ramires; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma; JUCÁ, Vlória Jamile dos Santos. **Adolescências e juventudes**: dores e sofrimentos específicos. Campo Grande, MS: Fiocruz Pantanal, 2023.

MATTOS, Ivana Cordeiro de Souza.; MAIOLI, Edilene Eunice Cavalcante.; DOS-SANTOS, Edirlei Machado. Professores do ensino fundamental da rede pública: condições de trabalho e saúde mental. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 4405-4420, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-261. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/3682> . Acesso em: 8 mar. 2025.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

Promoção da saúde em contextos educacionais: a atuação do psicólogo no cuidado a adolescentes e professores

MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa; FERNANDES, Thatyanny Gomes; SANTOS, Cyntia Maria Loiola dos. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e237016, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021237016>. Acesso em: 13 março de 2025.

MIRANDA-GALVÃO, Dominique; FLEITH, Denise de Souza. Atuação do psicólogo escolar no atendimento a alunos superdotados: avaliação de professores e familiares. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, p. e262923, 2024a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-262923>. Acesso em: 13 março de 2025.

MIRANDA-GALVÃO, Dominique; FLEITH, Denise de Souza. Práticas do Psicólogo Escolar em um Atendimento Educacional a Estudantes Superdotados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, p. e260340, 2024b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003260340>. Acesso em: 13 março de 2025.

MORAIS, Évelin Angélica Herculano de; ABREU, Mery Natali Silva; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Autoavaliação de saúde e fatores relacionados ao trabalho dos professores da educação básica no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 28, p. 209-222, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023281.07022022>. Acesso em: 20 março de 2025.

MOURA, Juliana da Silva; RIBEIRO, Júlia Cecília de Oliveira Alves; CASTRO NETA, Abília Ana de; NUNES, Claudio Pinto. A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 01-17, 2019. DOI: 10.31496/rpd.v19i40.1242. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1242>. Acesso em: 8 mar. 2025.

OLIVEIRA, Miriam Cristina Monteiro Silva de; LEITE, Isabelle Diniz Cerqueira; COELHO, Maria Teresa Barros Falcão. O papel do psicólogo escolar segundo professores: uma abordagem bioecológica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, p. e232075, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-232075>. Acesso em: 13 março de 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **World mental health report: Transforming mental health for all**. World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/arquivos/9789240049338-eng.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2025.

PEREIRA, Anderson de Carvalho. Atuação de psicólogos (as) escolares nas falas de professoras do ensino fundamental do sudoeste da Bahia: uma análise discursiva. **Psicologia USP**, v. 35, p. e230036, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e230036>. Acesso em: 13 mar. 2025.

PEREIRA, Mariana Prudente; SILVA, Silvia Maria Cintra da. Psicologia escolar na educação superior: demandas apresentadas por coordenadores de cursos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e249221, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249221>. Acesso em: 13 março de 2025.

PESSIN, Gisele. Uma década de atuação na rede municipal de educação: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e250226, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-23250226>. Acesso em: 13 março de 2025.

QUIXADÁ, Luciana Martins. Crianças na periferia e narrativas compartilhadas: por uma gramática da esperança. In: QUIXADÁ, Luciana Martins.; MENEZES, Jaileila de Araújo. (Orgs.). **Infância em territórios de (in)segurança: narrativas compartilhadas com crianças**. Fortaleza, EdUECE, 2022.

QUIXADÁ, Luciana Martins. Educação infantil e subjetivação da criança na sociedade de consumo. **POLÊMICA**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 020-038, 2019. DOI: 10.12957/polemica.2019.46668. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/46668>. Acesso em: 19 mar. 2025.

RODRIGUES, Benedito; ROCHA, Nara Maria Forte Diogo. A palavra que liberta: experiência com poesia no trabalho do psicólogo educacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, p. e245831, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-245831>. Acesso em: 13 março de 2025.

SANTOS, Elen Alves dos; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto; RIBEIRO, Beatriz Soares. Psicologia Escolar e Automutilação na adolescência: Relato de uma intervenção. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e225761, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021225761>. Acesso em: 13 março de 2025.

SANTOS, Elisa Alves dos et al. Percepções de graduandos de psicologia acerca do trabalho do psicólogo escolar e educacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e189579, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189579>. Acesso em: 13 março de 2025.

SILVA, Francisco Vieira da. Conquistando corações e mentes: As competências socioemocionais como reflexo da racionalidade neoliberal em coleções didáticas de projeto de vida. **Educação em Revista**, v. 39, p. e39619, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-469839619> Acesso em 08 mar 2025.

SILVA, Márcia Justino da; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicólogas (os) no sistema educacional de Boa Vista/Roraima: concepções, práticas e desafios. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 43, p. e244202, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244202>. Acesso em: 13 março de 2025.

SOUZA FILHO, José Alves de et al. Notas sobre a formação do psicólogo escolar/educacional: revisão sistemática de 2009-2019. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e243249, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-243249>. Acesso em: 13 março de 2025.

SOUZA, Anna Carime. Interfaces entre Psicologia, Educação e Saúde-um relato de prática profissional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e211527, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020211527>. Acesso em: 13 março de 2025.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de; LEIRNER, Thomas Goldenstein; THOMAZ, Vinicius Vilar Martinez. Formação do psicólogo escolar e educacional latino-americano em periódicos científicos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, p. e268217, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-268217>. Acesso em: 13 março de 2025.

TEIXEIRA, Sandra de Araújo; AROSSI, Guilherme Anziliero; SANTOS, Ana Maria Pujol Vieira dos. Influência do Estresse no Absenteísmo de professores do Ensino Médio e Fundamental: uma revisão da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e31101623226-e31101623226, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23226>. Acesso em: 8 mar. 2025

TESSARO, Mônica; TREVISOL, Maria Teresa Ceron; DAURIA-TARDELLI, Denise. Entre a expectativa e a prática do profissional da psicologia na escola. **Psicologia em Estudo**, v. 28, p. e53458, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.53458>. Acesso em: 13 março de 2025.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

VERONESE, Lilian Aracy Affonso; MACHADO, Adriana Marcondes. O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e225808, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022225808>. Acesso em: 13 março de 2025.

VIEIRA, Derik; CALDAS, Roseli Fernandes Lins. Psicologia Escolar: interlocução entre as referências técnicas e publicações de práticas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e241884, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022-241884>. Acesso em: 13 março de 2025.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando Tuim; SALOMÃO, Fabiane Rizo; VIÉGAS, Lygia de Sousa. Entrevista com Maria Helena Souza Patto. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, p. e259163.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).